

RELATÓRIO TÉCNICO:

**DESAFIOS PARA O AVANÇO DA AGROINDÚSTRIA GOIANA:
PERCEPÇÕES DOS AGENTES SOBRE MACROTEMAS**

CADEIA AGROINDUSTRIAL DA SILVICULTURA

Organizador:

Anderson Mutter Teixeira – UFG

Equipe Executora:

Cleyzer Adrian da Cunha – UFG

Adriana Ferreira da Silva – UFG

Adriano Marcos Rodrigues Figueiredo – UFMS

Waldemiro Alcântara da Silva Neto – UFG

Equipe Supervisora:

Douglas Parahyba de Abreu (Sebrae-GO)

Heverton Eustáquio (Fieg)

Instituições Executoras:

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Fundação de Apoio à Pesquisa – Funape

Projeto: Estratégias para o Desenvolvimento da Agroindústria em Goiás

Goiânia – GO

Dezembro de 2023

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	3
2.	PERCEPÇÕES DOS AGENTES SOBRE MACROTEMAS	4
2.1	CRÉDITO	4
2.2	LOGÍSTICA.....	6
2.3	FLUXOS COMERCIAIS	7
2.4	INDUSTRIALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO	9
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	11

1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório técnico contempla análises que estão em consonância com uma série de seis estudos, fruto da parceria de pesquisa entre UFG, Fieg e Sebrae/GO para o projeto “Estratégias para o Desenvolvimento da Agroindústria em Goiás”.

O presente relatório técnico tem por objetivo geral a descrição das percepções atuais dos agentes relativos aos seguintes macrotemas: i) Crédito, ii) Logística, iii) Fluxos Comerciais, iv) Industrialização e Internacionalização. Neste relatório, tais aspectos são descritos especificamente para a cadeia agroindustrial da silvicultura.

A metodologia empregada envolveu pesquisa qualitativa, realizada a partir de entrevistas em profundidade com agentes das oito cadeias agroindustriais avaliadas no âmbito do projeto. As entrevistas foram realizadas entre os dias 11 de novembro de 2022 a 02 de dezembro, com representantes das respectivas cadeias estudadas, selecionados pelo corpo técnico da FIEG.

A transcrição das percepções e principais apontamentos dos entrevistados, foi realizada pelos pesquisadores, respeitando o conteúdo definido em um roteiro de entrevistas, elaborado pela equipe de pesquisadores da UFG e UFMS, revisado pela equipe da FIEG.

Nas próximas seções, as percepções para a cadeia agroindustrial da silvicultura em Goiás são apresentadas seguindo a ordem dos macrotemas: i) Crédito, ii) Logística, iii) Fluxos Comerciais, iv) Industrialização e Internacionalização.

2. PERCEPÇÕES DOS AGENTES SOBRE MACROTEMAS

2.1 CRÉDITO

a. Burocracia na contratação do crédito: existe uma dificuldade de acesso ao crédito por motivos burocráticos. As exigências ou “Garantias” exigidas pelas instituições financeiras, na visão dos agentes da cadeia da silvicultura é considerado exagerado, principalmente para projetos de pequeno e médio porte, gerando uma apreensão e desconforto na contratação.

b. Predominância de recursos próprios: para o plantio da seringueira (clones) e para a produção de borracha natural em Goiás (especificamente na região de Goianésia) tem sido realizada, predominantemente, a partir de recurso próprio por parte dos produtores. O agente da cadeia agroindustrial da silvicultura destaca que o crédito rural foi importante na implantação dos seringais, mas atualmente a expansão das lavouras no estado é realizada mediante recurso próprio.

c. Em geral o crédito obtido é via Cooperativas de crédito: o crédito quando realizado é via Cooperativas de crédito, dado o menor nível de exigências ou “Garantias” bancárias. Também existe uma concentração de linhas de crédito pelo Banco do Brasil, porém não se mostram adequadas, uma vez que têm como período de carência seis a sete anos (período para as seringueiras começarem a produzir) e mais três a quatro anos para quitação do financiamento. Portanto tal mecanismo em termos de prazo, gera um receio por parte dos produtores em tomar crédito, sobretudo, os pequenos produtores tendo em vista as condições de juros, garantias e prazos estabelecidos.

d. No que tange ao plantio de eucalipto existe restrições de linhas de crédito: Atualmente a cadeia conta com apenas uma linha de crédito, no Banco do Brasil. As demandas para financiamento e investimento das florestas de eucalipto são atendidas apenas pelo FCO Rural – Linha de Financiamento para Redução da Emissão de Gases de Efeito Estufa na Agropecuária (Programa ABC). Assim, esta limitação no acesso ao crédito impossibilita a realização de novos investimentos, levando ao cenário atual no estado, onde não há investimentos em florestas para atender a demanda local, o que tem levado as empresas do estado, como a Piracanjuba e a Gelnex, a plantarem suas próprias florestas para atender as demandas internas por madeira para queima. Em geral as agroindústrias goianas estão plantando eucalipto como forma de mitigar risco de abastecimento de biomassa ou mesmo buscando outras fontes de energia.

e. Incompatibilidade entre as exigências do crédito e o retorno financeiro do eucalipto. Na visão dos agentes da cadeia há uma falta de compreensão do Banco do Brasil (principal agente) sobre a dinâmica do retorno financeiro da floresta de eucalipto, uma cultura de ciclo longo que requer despesas de custeio até seu corte após seis anos.

Esta falta de conhecimento, somado aos elevados juros estabelecidos e excessos de “garantias” acabam comprometendo a capacidade de pagamento dos empréstimos, levando a cenários de inadimplências e restrições ainda mais significativas a liberação de novos créditos.

f. Linhas de crédito direcionadas ao custeio: as instituições financeiras disponibilizam em sua maioria, linhas de crédito para o custeio e poucas opções para investimentos;

g. BNDES: Não há linhas de crédito destinadas ao plantio, apenas para financiamento de máquinas e equipamentos (mas com juros altos).

h. FCO: Este instrumento não tem sido empregado para financiamento da produção de borracha natural, mas seria interessante contemplar projetos de plantio de seringueiras e unidades de beneficiamento. Baixo volumes financeiros limita o uso do FCO: os investimentos na indústria requerem grandes aportes financeiros, não passíveis de serem obtidos via FCO;

i. Crédito insuficiente para todos os agentes gera desequilíbrios: soluções de crédito atendem apenas parte dos agentes, o que acaba refletindo-se em desequilíbrios na competitividade, em favor dos que conseguem contratar o crédito.

2.2 LOGÍSTICA

a. Manutenção inadequada das estradas rurais e vicinais: as usinas beneficiadoras se encarregam de buscar a borracha nas propriedades rurais. A carga é transportada por caminhões de grande porte (bitrens e treminhões). Considerando o volume da carga e perfil dos caminhões, destaca-se a importância na manutenção de estradas rurais e vicinais. Destacou, que estas estradas dificultam o aumento do volume transportado, haja vista os problemas recorrentes com os veículos maiores. Relatou que há sérias dificuldades em relação a este modal, sobremaneira, para escoamento da produção para as regiões importadoras (São Paulo, Espírito Santo e Bahia).

b. Investimento em outros modais de transporte: a instalação de indústrias de processamento da borracha no estado demanda o investimento em outros modais de forma a conter os custos no transporte.

c. Distribuição de energia elétrica e comunicações: o serviço energia elétrica é considerado um dos principais gargalos na estrutura logística do estado. O cenário de quedas de fornecimento e insegurança institucional quanto à atual empresa prestadora (Enel) tem se refletido em aumento nas compras de geradores, de forma a conter interrupções abruptas que comprometem o desenvolvimento da produção. Apontou investimentos em placas fotovoltaicas como forma de geração de energia.

d. Manutenção das estradas para o transporte dos trabalhadores: em especial durante os períodos de chuva, o transporte dos trabalhadores é dificultado devido as condições inadequadas das estradas rurais. As condições inadequadas das vias são tidas como um gargalo mais crítico para o transporte da mão de obra, do que o transporte da produção de borracha, isso ocorre por que o custo com frete representa, em média, apenas 3% dos custos de produção, enquanto os custos com mão de obra chegam a quase 70% dos custos de produção.

e. Serviços de água e energia considerados ruins: O serviço de distribuição de água não é considerado bom.

f. Energia e Telecomunicações: Geração de energia termoelétrica pelo setor pode ser alternativa, mas carece de investimentos. Há problemas de quedas de energia. A Distribuidora Enel tem encontrado dificuldade de conexão entre a energia gerada e distribuição aos consumidores finais. Telecomunicações não é um problema.

g. Disponibilidade de recursos hídricos: Questão a água esbarra em licenciamento ambiental e outorgas.

h. Apontamentos e soluções: Investimentos em manutenção de estradas rurais e rodovias para aumentar o volume transportado. Incentivar o uso de outros modais que possam reduzir o frete, tais como, o transporte ferroviário. Incentivar o uso de geração de energia limpa (placas solares) nas propriedades.

2.3 FLUXOS COMERCIAIS

- a. Vendas com origem em Goiás: Atualmente as vendas do estado concentram-se na borracha coagulada, que detém em sua composição 40% de água. Nesse sentido, o representante da Associação dos Produtores de Borracha Natural de Goiás e Tocantins (APROB-GO/TO), destaca a importância na atração de indústrias de beneficiamento (perfil de negócios), de forma que as vendas do estado migrem para a borracha seca (látex seco), produto de maior valor agregado.
- b. Oportunidades de negócios, tais como, a instalação de um parque industrial: favorece não apenas a agregação de valor da borracha comercializada por Goiás, mas também atende as indústrias do estado que demandam látex como matéria-prima (com destaque para empresas de materiais hospitalares). Atualmente estas indústrias precisam adquirir insumos de outros estados, ou mesmo fora do Brasil.
- c. Insumos para lavoura: elos faltantes na cadeia, com exceção do calcário adquirido no próprio estado e região. Os demais insumos empregados na floresta (adubos, defensivos, entre outros) são adquiridos de fora do estado, em mesmo do país (cenário similar ao observado em outras cadeias agropecuárias brasileiras).
- d. Materiais para extração da borracha: Elos faltantes na cadeia goiana. Todo material no processo de sangria da borracha, desde caixas, canetas de sangria e materiais mecânicos são adquiridos fora do estado, em especial do estado de São Paulo.
- e. Saídas de produto primário: Atualmente as saídas no estado se referem à borracha coagulada. O estado detém condições favoráveis à produção da borracha (clima, relevo, solo, qualidade técnica e tecnológica).
- f. Ausência de usinas e indústrias em Goiás: o estado não registra a presença de Usinas para centrifugação e produção da borracha seca (GEB). Também não registra a presença da indústria de Artefatos de borracha (Indústria Leve) e da indústria Pneumática (indústria Pesada). As usinas e indústrias concentram-se em São Paulo. Bahia e Espírito Santo registram fábricas da Michelin Pneus, principal compradora de Borracha do país.
- g. Ausência de indústrias que produzam demais insumos: além de Usinas e Indústria de artefatos da borracha, o estado também não registra a presença de outros importantes insumos da cadeia, como borracha sintética, malha de aço, polímeros, enchimentos, etc.
- h. Saídas (fluxo comercial): produtos de baixo valor agregado é foco do setor: madeira para queima (biomassa) para a agroindústria. Grande parte de produção tem essa finalidade. Parte vai serrarias. Cavaco importante para alimentar a indústria. Indústrias de tratamento da madeira. Usado na construção rural e civil. Exporta para outros estados madeira que recebeu tratamento para o agronegócio (tratamento do eucalipto em autoclave que vão cercas e construção nas fazendas Maranhão e Pará). Poderia se explorar o mercado externo de *pallets* para geração de energia. A realidade mudaria com a participação de grande player no mercado de celulose (Suzano, etc).

i. Entradas (fluxo comercial): Setor importa madeira de outros estados para móveis, MDF e etc. Não existe indústria de processamento de compensados e aglomerados. Portas e batentes importados que é uma demanda da construção civil de Goiás.

j. Há forte dependência do estado de outras regiões do Brasil de madeira processada, chapas, etc. Máquinas e equipamentos também de outras regiões. Apenas um grande player poderá mudar o cenário goiano conforme feito do Mato Grosso do Sul.

2.4 INDUSTRIALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO

a. **Ações da cadeia:** O estado é marcado pela ausência de indústrias de processamento da borracha. Apesar deste cenário, os agentes da cadeia por meio da Associação dos Produtores de Borracha Natural de Goiás e Tocantins (APROB-GO/TO), têm buscado ações e alternativas que favoreçam a expansão da produção e processamento. Ambiente de negócios favorável à atração da indústria, exceto, questões tributárias desestimulam a industrialização (Equalização de impostos com outros estados).

b. **Certificação dos Seringais:** Entre estas ações dos produtores goianos destaca-se a Certificação de todos os seringais do estado. A certificação coloca a produção brasileira em vantagem em relação aos maiores produtores mundiais, Tailândia e Indonésia, países asiáticos que não contam com certificação dos seus produtos.

c. **Aproximação com o mercado externo:** Agentes da cadeia também têm buscado aproximação comercial com os Estados Unidos, principal consumidor de látex do mundo, de forma a expandir o mercado. Atualmente a participação do Brasil no mercado internacional é praticamente inexpressiva (em torno de 1%), contra uma participação que chega a 8% pela Costa do Marfim.

d. **Expansão no mercado interno:** Ações de promoção no mercado interno também têm sido realizadas, como encontros com indústrias produtoras de luvas, que atualmente importam a borracha de fora do país. Necessidade de reunião com produtores de luvas no Brasil, que importam a borracha. Parcerias para comprar o látex centrifugado em Goiás, ou seja, possibilidade de abertura de indústria no estado.

e. **Lacuna na oferta de mão de obra especializada:** Por ser uma atividade praticamente artesanal, a extração da borracha emprega expressivo número de trabalhadores: 1 pessoa a cada 6 hectares. No segmento industrial, estima-se que para cada emprego na fazenda, são gerados mais 3 empregos no processamento da borracha.

f. **Ações de treinamento:** ações promovidas pelo Senar/GO têm favorecido o treinamento de sangradores (profissionais especializados na extração e manejo do látex), mas o estado ainda carece de mão de obra. Um ponto de destaque refere-se ao perfil dos contratos de trabalho realizados em Goiás. No estado, os trabalhadores são empregados em quase sua totalidade (80% a 90%), através de contratados formalizados de trabalho (CLT). Perfil diferente do observado em São Paulo, onde predomina o sistema de parcerias entre produtor e sangrador. Condições adequadas de trabalho, para além das estabelecidas pelo Ministério do Trabalho (como áreas de lazer, abrigo para descanso e realização de refeições, etc.) são ações que os produtores do estado têm realizado de forma a fixar a mão de obra e evitar desequilíbrios na produção.

g. **Políticas de industrialização:** não vê políticas públicas voltadas para industrializar a borracha natural em Goiás. Destaca que há espaço para a geração de renda e empregos com a indústria. Altos custos com mão de obra, em torno de 70% do custo de produção

da borracha coagulada (produto primário) refere-se às despesas com mão de obra. Não existe automação para a sangria da borracha, sendo esta tarefa altamente artesanal. Em Goiás os contratos de trabalho são quase em sua totalidade (80% a 90%) realizados via CLT. Perfil diferente do observado em São Paulo, onde predomina o sistema de parcerias entre produtor e sangrador. Isso ocorre porque em São Paulo as propriedades são de pequeno e médio porte. Em Goiás, os empreendimentos são de grande porte, projetos avançados tecnicamente e melhor manejo melhor, o que inviabiliza ações de parceria (passivo trabalhista significativo).

h. Custos de produção comprometem competitividade do produto brasileiro: seja para Goiás, ou para a média do Brasil a borracha natural do país não apresenta competitividade quando comparada às cotações realizadas na Ásia. Isso deve-se ao fato de que o principal custo de produção se refere as despesas com mão de obra, bem mais baixo na Ásia do que no Brasil. Ocorre que os países asiáticos detêm legislações ambientais e trabalhistas muito menos exigentes que a legislação brasileira. Isso favorece os preços da borracha asiática e encarece o produto brasileiro (responsável por apenas 1% da oferta mundial de borracha natural).

i. Indústria: problema com mão de obra qualificada. Setor vive da informalidade da mão de obra que reluta em se qualificar. Capacidade instalada baixa e setor corre sério risco de um apagão. “Eu mesmo estou fechando a minha indústria de tratamento” (agente da Cadeia). Produtos de baixo valor agregado (biomassa para indústria). Custo produção alto, sobretudo, com valor do frete. Ausência de padronização da produção dos produtores que implica em madeira de baixa qualidade na propriedade. Necessidade de agregação valor no setor (quebrar o ciclo da biomassa). Atração de indústria de celulose, tendo em vista que o estado tem potencial em regiões (Norte e Oeste). Importância dos treinamentos da FIEG e Senai (Irão ajudar na indústria de celulose).

j. Internacionalização - Não há exportações. Vende madeira tratada para outros estados. Utiliza a produção na geração de biomassa para a indústria de forma geral. em haver políticas de incentivo ao setor para exportação (*pallets*)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção dos agentes entrevistados, traz o sentimento desses atores acerca dos macrotemas: crédito, logística, fluxos comerciais e grau de industrialização e internacionalização. A apresentação aprofundada dos dados quantitativos e qualitativos sobre esses macrotemas já foi conduzido em capítulos anteriores e a percepção dos agentes-chave vem corroborar com os resultados obtidos anteriormente.

No capítulo seguinte, onde serão tratadas as questões relativas à Proposição de Políticas, é onde haverá a consolidação do estudo. As instituições, empresários e demais agentes que compõem as cadeias agroindustriais de Goiás, objeto deste estudo, irão se deparar com uma agenda se políticas de fomento ao desenvolvimento e crescimento da agroindústria goiana.